

CRIANÇAS

Aos dois, quase três anos, meu filho já era criança forte e saudável. Na cidade interiorana em que morávamos, onde eu e a esposa éramos professores da rede pública, moravam também outros familiares, inclusive uma priminha muito linda, apenas alguns meses mais velha, com a qual ele muitas vezes brincava, sentados lado a lado. Eram, por evidente, brincadeiras com chocalhos e peças coloridas próprias daquela idade. Algumas vezes acontecia, no entanto, dela morder o braço gordinho dele, provocando-lhe um choro sentido, que somente a intervenção de minha esposa conseguia aplacar. Preocupado com tais ocorrências, que não conseguia explicar razoavelmente, resolvi sugerir-lhe um “desforço imediato”, dizendo a meu filho: *“Se ela o morder de novo, meta a mão nela”*. Não deu outra. Bem maior e mais forte que a querida priminha, o tabefe por ele desferido fê-la não apenas chorar, como também acabou de vez com as incômodas mordidas. Hoje fico pensando se agi corretamente ao sugerir aquela violência, que na verdade era disso que se tratava. O que me tranquiliza é constatar que meu filho, tantas décadas passadas, é hoje cidadão equilibrado, honesto e cumpridor de seus deveres. E que a linda priminha, também agora mulher feita, ao invés de mordidas hoje apenas distribui, a numerosos seguidores, palavras de fé e consolo.

Recordo-me também de outra divertida ocorrência, desta vez envolvendo minha filha, então com três anos de idade. Frequentava ela um Parque Infantil da cidade e, como era assaz desembaraçada, como o é ainda hoje, foi escalada para dançar, em festa junina, devidamente caracterizada como elegante caipirinha. Na concorrida plateia, mães e pais ansiosos para ver e aplaudir seus rebentos que iriam apresentar-se no palco da instituição. A dança ensaiada começou muito bem, todos os “caipiras” apresentando-se a contento. Houve um momento, porém, em que o menino que se encontrava justamente ao lado de minha filha, errou, por esquecimento ou por não ser muito afeito a danças, os passos da alegoria ensaiada. Ela, então, para riso de todos os que assistiam à apresentação, eu e minha esposa inclusive, parou por momentos de dançar e, dirigindo-se a ele, deu-lhe leve empurrão instando-o a acertar o passo. Não preciso dizer que foi o ponto alto da apresentação.

Na história de vida de minha família, que hoje relembro com imensa saudade e vívida emoção, há também episódios de fé no Criador, dos

quais quero transcrever, por ora, apenas um deles, ocorrido com meu neto Richard, quando ainda era criança de quatro anos e nunca havia dormido longe de casa e dos pais. Pois foi no fim de semana em que a escola onde estava matriculado programou um acampamento na zona rural, que as preocupações da família acirraram-se. Conseguiria ele dormir fora de casa, longe dos pais, por uma ou duas noites? Minha filha até mesmo comprometeu-se a buscá-lo, a qualquer hora da noite, se preciso fosse. Contudo, foi minha dedicada esposa, de fé inabalável, quem resolveu o problema conversando carinhosamente com ele. Na volta do acampamento, que transcorreu sem nenhum problema, a primeira coisa que a mãe perguntou-lhe foi se dormira bem. *“Fiz como a omama me ensinou. Segurei a mão de Jesus e dormi a noite inteira.”*

Pois é, se todos aceitassem a segurança da mão de Jesus e aplicassem, durante a vida toda, os profundos ensinamentos deixados por Ele e constantes dos Evangelhos, tudo seria melhor e haveria paz, a paz tão ardentemente desejada. Não tenho dúvidas de que a humanidade haverá de chegar lá algum dia e nosso sofrido planeta, hoje ainda marcado por conflitos e guerras, será então um mundo abençoado de progresso e paz. Você também não acha, caro leitor?

Darly Viganó
darly.vigano@gmail.com